

Percepção ambiental sobre “meio ambiente” e “educação ambiental” de seringueiros no sudoeste da Amazônia, Mato Grosso, Brasil

Tatiane Zillmer-Oliveira^{1*}
Márcia Helena Vargas Manfrinato²

Universidade do Estado de Mato Grosso

¹Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais

²Departamento de Turismo

Travessa Jundiá, 232, CEP 78690-000, Nova Xavantina – MT, Brasil

*Autor para correspondência

tatizillmer@hotmail.com

Submetido em 30/11/2010
Aceito para publicação 25/06/2011

Resumo

A conversão das áreas naturais em áreas agricultadas é considerada o principal impacto ambiental resultante das atividades humanas e constitui uma ameaça à biodiversidade. Isso pode estar relacionado ao nível de compreensão e percepção da sociedade sobre a problemática ambiental e as atividades agrícolas. O objetivo deste trabalho foi investigar a percepção ambiental dos moradores da comunidade Seringal, inserida na Bacia do Rio Xingu, Querência-MT, com o propósito de conhecer as relações existentes entre eles e os espaços naturais dos locais. A maioria dos seringueiros não associa o meio ambiente e a educação ambiental ao seu cotidiano. Alguns seringueiros concebem o ambiente como natureza intocada, privilegiando os aspectos naturais, excluindo-os como parte do ambiente. A educação ambiental é vista apenas como ato de conservar a natureza. Neste sentido, a investigação da percepção ambiental constitui uma ferramenta imprescindível para projetos de pesquisa que abordem as relações ser humano-ambiente.

Palavra-chave: Educação ambiental, Meio ambiente, Percepção

Abstract

Environmental perception of rubber tappers of southeastern Amazonia, Mato Grosso, Brazil. The transformation of natural areas into agricultural areas is considered the main environmental impact resulting from human activities, and is a major threat to biodiversity. This may be related to the level of comprehension and perception of a society in relation to environmental problems and agricultural activities. The main objective of this work was to investigate the environmental perception of the Seringal Community, which is located in the Xingu river basin, in Querência, MT, in order to understand the relationships the inhabitants have with the surrounding natural spaces. The majority of the rubber tappers in this community may not associate the natural environment and environmental education with their routine. Some of them perceive the natural environment as untouchable, and feel nature is important without considering themselves as part of the environment. In addition, environmental education is seen only as an action of conserving nature. In this sense, the investigation of environmental perception constitutes an essential tool for research projects that focus on human-environment relationships and environmental management.

Key words: Environment, Environmental education, Perception

Introdução

Os organismos modificam o ambiente com que interagem e vivem e o ser humano não é diferente. A interação ser humano-ambiente tem sido alterado de maneira drástica com o aumento do crescimento populacional e da demanda de recursos naturais (FIORI, 2006).

O aumento no uso dos recursos naturais tem gerado níveis alarmantes de poluição do solo, ar e água, contaminação da vida selvagem por resíduos, rápido consumo das reservas minerais e demais recursos não renováveis, além de constituir uma ameaça à biodiversidade (REDE AMBIENTE, 2000; LOUREIRO et al., 2006).

Por isso, é crescente a preocupação com as questões de degradação ambiental, tornando-se necessárias ações que busquem equilibrar o bem estar da humanidade com a conservação e a preservação dos recursos naturais, aliados a técnicas e tecnologias que permitam o desenvolvimento social e econômico e garantam condições favoráveis de vida na Terra para as gerações futuras (TEIXEIRA, 2007). As ações que buscam o equilíbrio homem-ambiente estão intimamente ligadas a programas e projetos de Educação Ambiental (EA). Assim, a EA é uma ferramenta a ser empregada pelos diversos grupos socioculturais da comunidade, de acordo com as suas necessidades e interesses, com o intuito de avançar a percepção dos atores sociais através da modificação de atitudes, de novos conhecimentos e critérios em relação aos problemas ambientais (UNESCO, 1977). Teixeira (2007) ressalta que a EA tem como objetivo levar à compreensão e despertar a percepção do indivíduo sobre a importância de ações e atitudes para a conservação e a preservação do meio ambiente (MA), em benefício da saúde e do bem-estar de todos.

No entanto, antes de todo trabalho e práticas de EA formal e não formal, é necessário, na formação de conceitos e no estabelecimento e transformação de atitudes individuais e coletivas, conhecermos, inicialmente, as concepções ou as representações sociais individuais e coletivas dos grupos de atores sociais que causam ou atuam com problemas ambientais, uma vez que estas representações são dinâmicas e

evoluem rapidamente (FIORI, 2006). E, a partir daí, despertar a consciência crítica dos grupos e o estímulo à participação dos mesmos na proteção dos recursos naturais (BERNARDES; MARTINS, 1998).

Neste sentido, este trabalho teve como objetivo conhecer a percepção sobre os termos “meio ambiente” e “Educação ambiental” dos trabalhadores na extração do látex da comunidade Seringal, inserida na Bacia do Rio Xingu no município de Querência-MT, com o propósito de conhecer as relações existentes entre eles e os espaços naturais do local.

Material e Métodos

A comunidade Seringal está localizada na Fazenda Tanguro, no município de Querência-MT, e está inserida na microbacia do Rio Darro, Bacia do Rio Xingu. A microbacia do Rio Darro possui extensão de aproximadamente 665km²; destes, 60% é ocupado por floresta Ombrófila/Estacional; 29% por plantio de soja; 9% por área de pastagem e 2% em área de reflorestamento com seringas, conforme imagem satélite do ano de 2004 (Figura 1).

A Fazenda Tanguro fornece as famílias que residem na comunidade Seringal: moradia, água, energia, escola (para as crianças que cursam até quarta série), transporte para alunos do ensino fundamental e médio até a cidade, transporte para as famílias realizarem compras na cidade (uma vez ao mês) e alojamento para pessoas solteiras.

A técnica utilizada de coleta de dados foi a entrevista (DENCKER, 1998). Foram feitas entrevistas abertas e estruturadas (GIL, 2006), possibilitando ao entrevistado escolher respostas, permitindo que o mesmo tenha maior liberdade de expressão. Com o intuito de retratar o perfil dos seringueiros, foram realizadas as seguintes questões: idade, naturalidade, gênero, escolaridade, tempo de residência na fazenda, local de origem e motivo da vinda para a fazenda; e para a investigação da concepção de meio ambiente e educação ambiental foram feitas as seguintes indagações: 1) entendimento do termo meio ambiente e educação ambiental, 2) descrição do meio ambiente local e 3) citação de ações de educação ambiental desenvolvidas na comunidade e por eles.

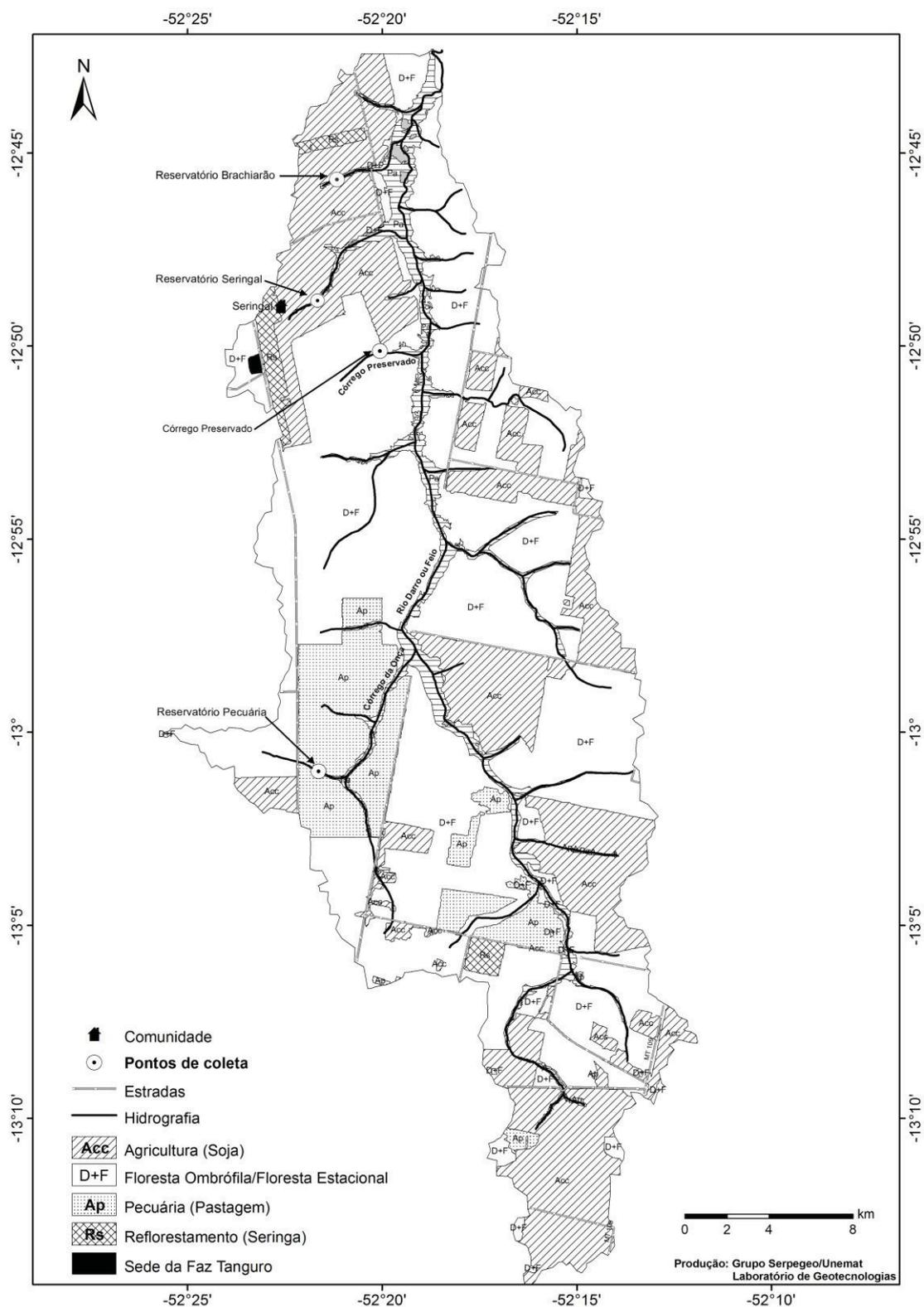


FIGURA 1: Localização da comunidade seringal e uso e ocupação da microbacia do Rio Darro no ano de 2004. Fonte: Laboratório de Geotecnologias.

Do total de 55 moradores adultos, foram entrevistadas 44 pessoas pertencentes à comunidade Seringal, nos dias 17 e 18/03/2008, em diferentes períodos, com o intuito de poder aplicar o máximo possível de entrevistas.

Além da entrevista estruturada, utilizaram-se coleções de imagens para investigar a preferência paisagística dos seringueiros. Essa técnica visual é usada quase sempre para aprofundar informações referentes à valoração cênica da paisagem (DANIEL, 1990;

MINAYO et al., 2002). Nesse sentido, as fotografias foram então emparelhadas de modo a formar os fotopares, sempre intercalando paisagem urbana (PU), rural (PR) e natural (PN). Juntamente com a apresentação dos fotopares, foi entregue uma folha de papel A4 em branco, solicitando a cada participante a escolha de uma fotografia em cada fotopar e a justificativa do motivo da escolha, com o objetivo de estabelecer os valores que reforçam a preferência das paisagens selecionadas, com a finalidade de expor, mais uma vez, suas representações a respeito da temática ambiental (Figura 2).

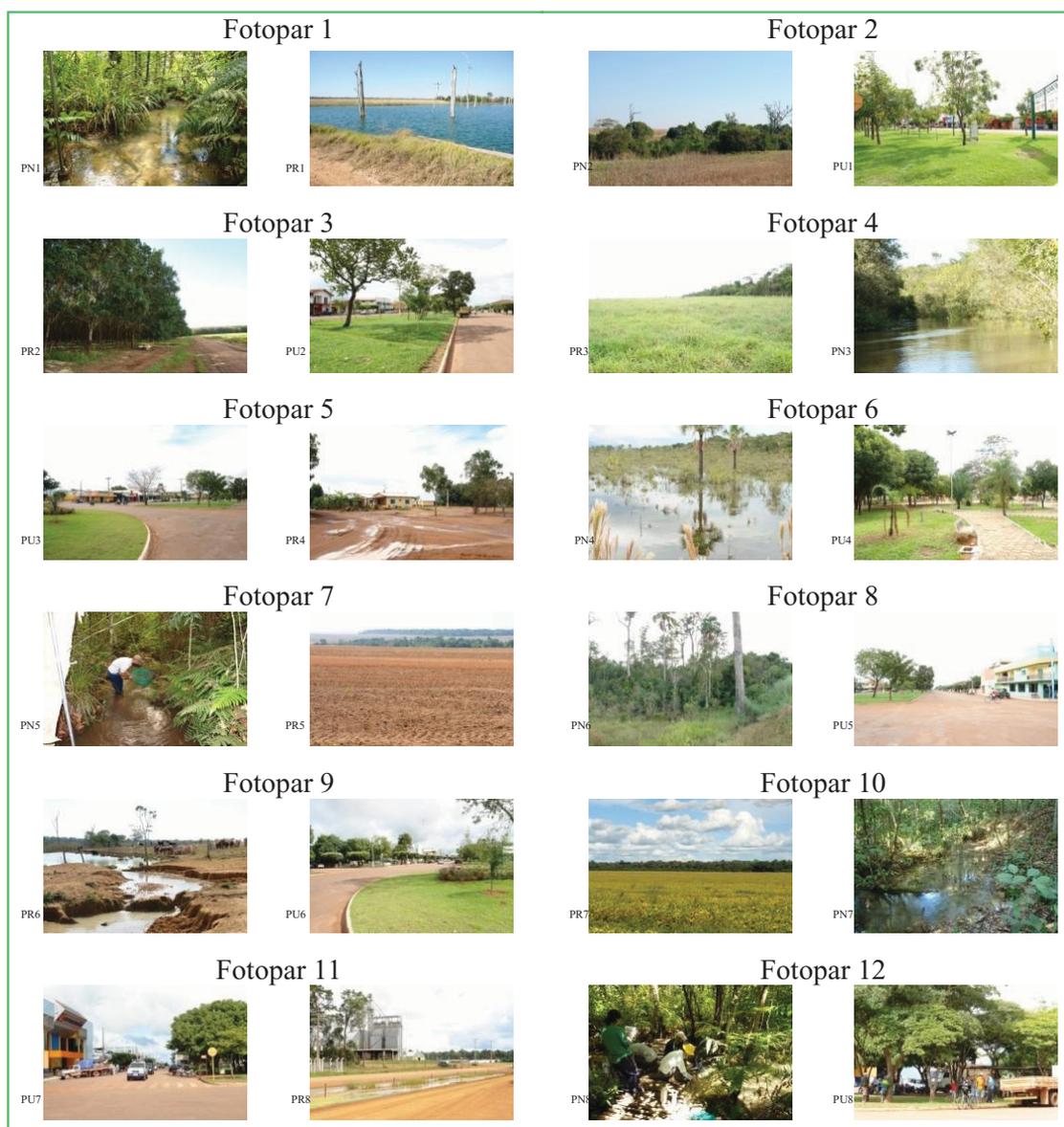


FIGURA 2: Conjunto de pares de imagens apresentado aos seringueiros da Fazenda Tanguro, MT contemplando aspectos da paisagem natural da fazenda, da paisagem rural (em relação ao tipo de uso e ocupação do solo da fazenda) e da paisagem urbana da cidade de Canarana-MT.

Para esta investigação, optou-se por definir três grupos temáticos de estímulos visuais. O primeiro conjunto de imagens refere-se às paisagens urbanas da cidade mais próxima, Canarana-MT. O segundo se relaciona às paisagens naturais da Fazenda Tanguro e o terceiro se refere às paisagens relacionadas ao uso e ocupação do solo da Fazenda Tanguro.

Após a entrevista, foi realizada a tabulação dos dados e transcrição das respostas, as quais foram qualificadas e agrupadas em categorias, conforme sugestão de vários autores (Tabelas 1 e 2). Em seguida calculou-se a frequência de ocorrência de cada categoria. Os resultados da pesquisa foram descritos e apresentados em tabelas.

TABELA 1: Categorias utilizadas para as representações de Meio Ambiente e Educação Ambiental.*

Categorias	descrição
Antropocêntrico	como sobrevivência do ser humano.
Território	que define o lugar de permanência e identidade.
Natureza	como forma de apreciar e preservar.
Problema	de forma a resolver, prevenir.
Cuidado	Ter cuidado com alguma coisa ou pessoa, zelo.
Gestão Ambiental	gerir a natureza de forma sustentável.
EA sobre o MA	ensinamentos sobre a natureza.
Utilitarista	ligado apenas à obtenção de recurso financeiro, sem alusão a proteção dos recursos naturais.
Conservacionista	preservar o ambiente, árvores.
Ecológico positivo	relacionado à preservação da natureza.
Ecológico negativo	relacionado aos impactos do ambiente.

*Categorias baseadas nas proposições de Goetz e Le Compte (1984), Mayer (1998), Sorrentino (1998), Brügger (1999), Sauvé (2000), Reigota (2001) e Fiori (2006).

TABELA 2: Categorias utilizadas para classificar a preferência paisagística.*

Categorias	Definições
Antropocêntrico	como sobrevivência do ser humano.
Território	que define o lugar de permanência e identidade.
Recurso	como administração e compartilhar.
Natureza	como forma de apreciar e preservar.
Problema	de forma a resolver, prevenir.
Biosfera	para o homem viver em longo prazo.
Estético	Beleza, referência as palavras: bonita, linda, feio e outras.
Utilitarista	ligado apenas à obtenção de recurso financeiro, sem alusão a proteção dos recursos naturais.
Afetivo	ligado ao gostar, desejar. Sentimento de familiaridade ou não com o local.

*Categorias baseadas nas proposições de Daniel e Vining (1983), Sauvé (2000), Reigota (2001) e Giuliani (2004).

Resultados

A maioria dos seringueiros está na faixa etária entre 16 e 35 anos de idade (81% do total). Cerca de 60% do total de trabalhadores na extração do látex são mulheres.

O tempo médio de residência dos seringueiros na fazenda é razoavelmente baixo, sendo que 68% deles têm menos de dois anos de serviço na fazenda e 32% estão na fazenda há mais de dois anos. Nenhum dos entrevistados nasceu na fazenda. Cerca de 80% dos seringueiros residentes na fazenda vieram da zona urbana. Cinquenta e sete por cento dos trabalhadores vieram dos municípios próximos à fazenda, tais como: Água Boa, Nova Xavantina, Ribeirão Cascalheira, Querência e Canarana. Outra parte de seringueiros veio do Estado do Maranhão (30%), a outra minoria é proveniente dos estados de São Paulo, Tocantins e Pará.

A maioria dos seringueiros, quase 100%, atribui o motivo de sua vinda para a fazenda ao emprego. Quando perguntado a eles se gostam de morar na fazenda, 77% responderam que sim, atribuindo grande importância à visão **utilitarista** (50%) e valor **afetivo** a sua estada na fazenda. Segue abaixo depoimentos de dois seringueiros em relação ao motivo de sua vinda para a fazenda:

“agente ganha bem, tem acesso a hospital e escola...”

“gosto das pessoas daqui e é sossegado...”

Alguns não gostam de morar na fazenda. Este grupo equivale a um total de 5%, atribuindo valor **afetivo** as suas respostas, como verificado abaixo, e 18% não responderam a questão.

“porque é distante dos parentes... é diferente de onde vivia.”

Quanto à escolaridade dos seringueiros, 25% deixaram de estudar no ensino básico, 46% no ensino fundamental e 23% no ensino médio; 6% dos seringueiros nunca frequentaram a sala de aula. A única moradora da comunidade que está estudando cursa pedagogia à distância e ministra aulas na escola da comunidade para crianças do ensino básico.

Quanto à percepção dos seringueiros em relação ao meio ambiente (MA), a metade dos seringueiros (50%) afirma desconhecer o termo.

Dos entrevistados, 5% definiram MA como **território**, identificando o meio ambiente como local de moradia, e 2,5% atribuiu à concepção de meio ambiente como um **problema** a ser resolvido, apontando o desmatamento como motivo. Outros 13% dos entrevistados apontaram definições baseadas na visão **antropocêntrica**. A maior parte dos entrevistados, aproximadamente 30%, identifica o MA como **natureza**, para ser apreciada e preservada.

Quanto ao modo com que enxergam o meio ambiente local, 68% dos seringueiros vêem o ambiente como preservado (**ecológico positivo**). Seguem abaixo, alguns depoimentos:

“preservado, com muitas plantações de seringas”

“bom, está sendo reflorestado”

“preservado por causa da seringa”

Apenas 9% dos seringueiros vêem o ambiente degradado (**ecológico negativo**), atribuindo ao desmatamento do local, prática utilizada na região para dar lugar a pastagem e plantação de grãos. Cinco por cento vê o meio ambiente de forma **utilitarista**, obtenção de recursos financeiros, através da utilização dos recursos naturais.

A respeito da compreensão dos seringueiros sobre educação ambiental, 56% afirmam desconhecer o termo. Aproximadamente 30% das respostas se enquadraram na definição **conservacionista**, ligada ao ato de conservar, como mencionado abaixo:

“é cuidar do meio ambiente em que se vive”

Em seguida, 7% dos seringueiros atribuem o entendimento em EA à **gestão ambiental**, vinculando a extração da seringa como processo de educação ambiental.

“é o reflorestamento, de onde tiro o sustento sem agredir a natureza”

Os que compreendem a **educação ambiental como sendo ensinamentos relacionados ao meio ambiente**, foram apenas 5%, como consta em depoimento abaixo. Dois e meio por cento atribuem a EA a **cuidados** com a família e a saúde.

“é educar nossos filhos para preservar o meio ambiente”

Do total de entrevistados, 57,5% afirmam que a comunidade desenvolve ações de educação ambiental. Dentre estas, está a coleta de lixo (23%), realizada por funcionários da fazenda, mesmo que este seja queimado poucos metros dali, 13,5% citam os plantios de árvores e 4,5% como preservação da natureza. Apenas 9,5% dos entrevistados citam a EA como ações de sensibilização e cidadania (palestras, respeito, gentileza), enquanto, 7% não justificaram a resposta e 42,5% afirmam não haver nenhuma ação de EA na comunidade.

Em seguida, foi perguntado sobre ações de EA desenvolvidas por eles. Dos 66% que afirmam desenvolver ações de educação ambiental na comunidade, 13,5% indicaram a plantação de árvores, principalmente de seringas.

“Planto árvores, mas é seringas”

Na sequência, 23% atribuem as ações de educação ambiental desenvolvidas por eles à coleta e seleção do lixo e limpeza da comunidade.

“sempre separo o lixo...mantenho sempre limpa a comunidade”

Do total de seringueiros, aproximadamente 20,5%, atribuem as ações de EA desenvolvidas por eles à preservação da natureza.

Apenas 9% das pessoas se vêem inseridos e responsáveis com as questões ambientais, não estando ligados somente à preservação da natureza, como mencionados por eles em depoimento:

“educó as crianças para preservar o ambiente”

“Respeito e valorizo meus vizinhos”

Quanto à preferência paisagística pela comunidade de seringueiros, as paisagens naturais e rurais tiveram preferência predominante em relação às paisagens urbanas: 35% dos seringueiros escolheram as paisagens naturais, 34,5% preferiram as paisagens rurais e 30,5% paisagens urbanas.

A maioria das preferências por paisagens naturais pelos seringueiros foi enquadrada na categoria **natureza**. Os principais componentes enfatizados para a paisagem natural foram *água é vida, clara, limpa, natureza bonita e preservada, árvores verdes, paisagem natural*. Na sequência foram atribuídos os valores de **afetividade** (enfatizado pelos sentimentos e sensações de tranquilidade, lembrança da cidade de origem) e **utilitarista** (importância dos corpos d'água como berçário de peixes e local de lazer: pesca e banho).

A preferência pelas paisagens rurais foi justificada pelos termos *gera emprego, garante nosso dinheiro, da soja faz o óleo e o leite de soja, soja fonte de renda do país, rebanho serve para exportar*, atribuindo a essas paisagens o valor **utilitarista**. O valor **afetivo** (destacado pelos termos *gosto de tomar banho lá, pescar, nosso local de lazer, onde nós trabalhamos, gosto das pessoas daqui, o seringal tem sombra, limpo, onde eu trabalho, cuidado com nosso rebanho, bom para morar aqui, é tranquilo*) veio após o valor utilitarista. Na sequência, os termos *natureza preservada, ambiente natural, não prejudica o meio ambiente* foram valores atribuídos às paisagens rurais, como sendo **natureza**, porém, com menor frequência em relação à preferência. Esses termos foram mencionados à paisagem PR2, ilustrada pelo reflorestamento de seringa.

Por último, cinquenta e um por cento das preferências por paisagens urbanas pelos seringueiros foi enquadrada na categoria **estética** (destacado pelos termos *bonita, limpa, espaçosa, bem cuidada, tem árvores, praças, sinalização*). O valor **afetivo** (destacado pelos termos *lazer, passeio, minha cidade, divertimento, lembrança da cidade de origem*) veio após o valor estético. Também foi atribuído o valor **utilitarista** (enfatizados pelos sentimentos de utilização da cidade para compras, cuidados hospitalares, colégios), em dois por cento da preferência por paisagens urbanas.

Discussão

Embora não haja nenhum programa de Educação Ambiental formal nessa comunidade, a maioria dos moradores buscou uma definição para o termo meio ambiente, corroborando com trabalho desenvolvido por Villar et al. (2008). Com relação à concepção do termo meio ambiente, dos seringueiros que afirmaram conhecer este termo, a maioria o concebe como natureza. Fato semelhante foi observado por Hoeffel et al. (2010), ao estudarem moradores da zona rural. A visão de meio ambiente como natureza para ser apreciada e observada tem maior importância, ou seja, os seringueiros não incluem o homem como parte integrante do meio ambiente.

A visão do meio ambiente como problema foi expressa pela minoria. Esse fato indica que eles sugerem a necessidade de preservação e/ou conservação do ambiente natural.

Os resultados deste trabalho sugerem que os atores sociais aí envolvidos não se vêem como parte do ambiente, corroborando com estudo realizado por Fiori (2006). De modo geral, há sempre uma noção quase predominante de ambiente como natureza intocada, excluindo-se o ser humano como parte integrante de todo o ecossistema (SAUVÉ, 2000), privilegiando os aspectos naturais, tais como: o ar, a água, os animais e a vegetação. Assim, os seringueiros se vêem apenas como meros observadores, dissociados do ambiente, não considerando os aspectos sociais, culturais e históricos do ambiente nas definições.

Dias (2001) afirma que o conceito de MA, reduzido exclusivamente aos seus aspectos naturais, não permite apreciar as interdependências nem a contribuição das ciências sociais e outras à compreensão e melhoria do ambiente.

Uma vez que a maioria dos seringueiros vê o meio ambiente ligado apenas à natureza, é esperado que suas respostas para as próximas perguntas revelem que eles não se vêem como parte do mesmo.

Quanto ao modo com que enxergam o meio ambiente local, a maioria o vê como preservado (ecológico positivo). Foi possível verificar que a percepção do ambiente da fazenda está diretamente ligada à visão utilitarista, possibilitando um distanciamento dos determinantes ecológicos. Por exemplo, a descrição dos seringueiros do ambiente da fazenda como preservado, está associado diretamente ao seu local de trabalho (reflorestamento de seringas), o que é bastante natural que seja assim, já que faz parte do universo deles.

Vale lembrar que este resultado se deu em um contexto sócio-ambiental específico, mas sem levar em conta o contexto socioeconômico e cultural dos moradores. A presença destas pessoas na comunidade está restrita a obtenção de recurso financeiro, impossibilitando-os de enxergarem o ambiente além do reflorestamento de seringa, tais como as relações existentes entre eles e outras condições de degradação ambiental: a ausência da vegetação, assoreamento, represamento dos córregos e outros.

Esses tipos de degradação ambiental acima citados têm-se intensificado na Amazônia desde a década de 70. A vegetação, os ambientes aquáticos e o solo têm sido modificados, principalmente para plantio de soja e criação de gado bovino. Estas duas práticas, associada ao reflorestamento estão presentes no local de estudo. No entanto, os ambientes aquáticos e o solo foram desconsiderados pelos participantes da pesquisa.

Segundo Fiori (2006), na maioria das vezes, a percepção dos participantes de uma pesquisa mostra um conteúdo manifesto de experiências vividas e consciências reveladas não diretamente relacionadas ao padrão de ocupação e uso do solo do local.

Essa compreensão de que o homem não é um elemento que compõe o meio ambiente e que não é responsável dele em atuar no meio modificando-o para melhor ou pior, cria um sentimento de independência entre meio ambiente-homem, isso justifica a exploração dos recursos naturais de maneira insustentável. Aqui, a insustentabilidade das práticas agrícolas locais pode não ser proposital ou explícita na visão da população, pode ser uma consequência de modelos de ocupação determinados por fatores alheios à vontade dos moradores.

O desconhecimento do termo EA é reflexo do não entendimento do termo MA, uma vez que a concepção de EA parece estar diretamente relacionada ao conceito de MA e ao modo como este tem sido percebido. A maioria dos seringueiros entrevistados desconhece o termo EA, levando-nos ao entendimento que, muitas vezes, possa haver um desencontro de terminologia do termo EA ou um desconhecimento da expressão, o qual pode não fazer parte do cotidiano dos envolvidos.

A visão conservacionista foi expressa pela maioria dos seringueiros. A EA não se reduz apenas à transmissão de conhecimentos sobre a conservação e preservação do meio ambiente, mas é capaz de propiciar a formação e sensibilização de cidadãos responsáveis, capazes de respeitar o meio em que vivem, mudando atitudes e promovendo ações de proteção ambiental.

Definições semelhantes ao termo EA dadas pelos seringueiros foram observadas por Hoeffel et al. (2010), ao estudarem a população rural de Vargem-SP, e por Fiori (2006), ao estudar um grupo de professores em São Paulo. As representações do termo EA pelos professores guardavam certa relação com as de ambiente (como natureza), uma vez que se aproxima da vertente ecológico-preservacionista da EA. Ainda, a mesma autora sugere que esse resultado se deve à visão reducionista em que o processo educacional se restringe à transmissão de conhecimentos específicos e naturais, centrados na preservação e conservação da natureza.

O entendimento da maioria dos seringueiros sobre EA como ato de conservar a natureza reflete nas ações desenvolvidas na comunidade apontadas por eles. A maioria dos entrevistados afirmou que a comunidade

desenvolve ações de educação ambiental, as ações citadas por eles estão intimamente ligadas à conservação da natureza. Uma minoria dos entrevistados cita a EA como ações de sensibilização e cidadania (palestras, respeito, gentileza).

A partir destes resultados, fica claro que o conhecimento dos seringueiros em relação à EA se refere apenas às ações ecológicas. Santos et al. (2000) ressaltam que a EA não deve ser restringida apenas a construção do conhecimento ecológico, mas também despertar os mecanismos de apoio à participação da comunidade, tornando possível um diálogo sobre o meio ambiente.

Quanto às ações de EA desenvolvidas por eles, a maioria relaciona essas ações a conservação e preservação da natureza. Até aqui, as ações de EA desenvolvidas por eles não os situam como participantes do processo de EA e, sim como agentes passivos (ligados à preservar a natureza). A minoria das pessoas se vê inserida e responsável com as questões ambientais, não estando ligada somente à preservação da natureza.

Em relação à preferência das paisagens pelos seringueiros, esta não se limitou aos valores estéticos destacados a elas, mas também ao envolvimento de valores afetivos, corroborando com estudos realizados por Bley (1996) e Machado (1996), que demonstraram que a paisagem é diferentemente percebida em função do grau de afetividade que cada indivíduo mantém com o local, assim a escolha pode estar vinculada a concepção de natureza ou meio ambiente.

A preferência por paisagens naturais pelos seringueiros foi justificada pela sensação de tranquilidade, sossego. Alguns trabalhos com preferências paisagísticas revelam que imagens que apresentam corpos d'água (rio, represa) e vegetação exuberante são as de maior escolha, devido à sensação de paz e relaxamento relatado pelo observador (CHOKOR; MENE, 1992; FIORI, 2002). A escolha por grande parte dos seringueiros às paisagens rurais é justificada pelo valor dada a ela, sentimento de dependência desse ambiente para sua sobrevivência. Fiori (2006) verificou no seu estudo com professores em São Paulo, que as menores preferências foram associadas às paisagens rurais, devido à presença de elementos característicos do agronegócio, o que gerou sentimento

de independência desse local pelos entrevistados.

A percepção da paisagem urbana pelos seringueiros esteve relativamente limitada aos valores estéticos destacados a ela. Estudo realizado por Machado (1996) demonstrou que os moradores atribuem valores à paisagem baseados na vivência contínua e intensa com o local. Como os seringueiros dependem da zona urbana para compras e lazer esporadicamente, isso provavelmente faz com que esse lugar não seja o de maior preferência.

Rebollar (2009) afirma que para desenvolver ações visando evitar impactos, toda a sociedade deve compreender a problemática ambiental e, para conhecer a compreensão que cada indivíduo envolvido tem em relação ao meio ambiente, é necessária a investigação da percepção ambiental. Vários são os estudos relacionados à percepção e representação ambiental de alunos e professores (FIORI, 2002; 2006; BEZERRA et al., 2007; LUIZ et al., 2009; MALAFAIA; RODRIGUES, 2009; REBOLLAR, 2009; RODRIGUES; MALAFAIA, 2009). No entanto, poucos são os trabalhos que abordam a mesma temática, com indivíduos que não estão inseridos no processo educacional formal e que estão intimamente relacionados com as questões ambientais (SANTOS et al., 2000; ALVES; NISHIDA, 2003; LIMA, 2003).

Neste sentido, este trabalho buscou demonstrar o conhecimento da comunidade Seringal em relação às questões ambientais. Qualquer processo de educação ambiental a ser trabalhado nesta comunidade deverá ser realizado com base na sensibilização dos envolvidos, objetivando fazê-los se enxergarem como parte do meio ambiente, para que a partir daí possam contribuir para melhorias na comunidade, sejam elas sociais e/ou ambientais.

Agradecimentos

À comunidade de seringueiros, pela imensa contribuição para realização dessa pesquisa, e à CAPES pelo apoio financeiro.

Referências

- ALVES, R. R. N.; NISHIDA, A. K. Aspectos socioeconômicos e percepção ambiental dos catadores de caranguejo-uça *Ucides cordatus cordatus* (L. 1763) (Decapoda, Brachyura) do estuário do Rio Mamanguape, Nordeste do Brasil. **Interciencia**, Caracas, v. 28, n. 1, p. 36-43, 2003.
- BERNARDES, M. T.; MARTINS, M. C. C. **Orientações e estratégias para a formulação e implantação de projetos de educação ambiental para as comunidades vizinhas às Unidades de Conservação**. Brasília: Ministério da Agricultura, 1998. 53 p.
- BEZERRA, T. M. O.; FELICIANO, A. L. P.; ALVES, A. G. C. Percepção ambiental de alunos e professores do entorno da Estação Ecológica de Caetés – Região Metropolitana do Recife-PE. **Biotemas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 147-160, 2008.
- BLEY, L. Morretes: um estudo da paisagem valorizada. In: RIO, V. D.; OLIVEIRA, L. (Orgs). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. 1. ed. São Paulo: Studio Nobel, 1996, p. 121-138.
- BRÜGGER, P. **Educação ou adiestramento ambiental?** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999. 200 p.
- CHOKOR, B. A.; MENE, S. A. An assessment of preference for landscapes in the developing world: case study of Warri, Nigeria and environs. **Journal of Environmental Management**, New York, v. 34, p. 237-256, 1992.
- DANIEL, T. C. Measuring the quality of the natural environment. **American Psychologist**, Washington, v. 45, n. 5, p. 633-637, 1990.
- DANIEL, T. C.; VINING, J. Methodological issues in the assessment of landscapes quality. In: ALTMAN, I.; WOHLWILL, F. (Eds). **Behaviour and the natural environment**. 1st ed. New York: Plenum Press, 1983. p. 39-83.
- DENCKER, A. de F. M. **Pesquisa em turismo: planejamento, métodos e técnicas**. São Paulo: Futura, 1998. 335 p.
- DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. São Paulo: Gaia, 2001. 551 p.
- FIORI, A. **Ambiente e educação: abordagens metodológicas da percepção ambiental voltadas a uma unidade de conservação**. 2002. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Recursos Naturais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2002.
- FIORI, A. **A percepção ambiental como instrumento de apoio de programas de educação ambiental da Estação Ecológica de Jataí (Luiz Antônio, SP)**. 2006. 113 f. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2006.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2006. 159 p.
- GIULIANI, M. V. O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In: TASSARA, E. T.; RABINOVICH, E. P.; GUEDES, M. C. (Ed.). **Psicologia e ambiente**. 1. ed. São Paulo: Educ, 2004. p. 89-106.
- GOETZ, J. P.; LE COMPTE, M. D. **Ethnography and qualitative design in educational research**. Orlando: Academic Press, 1984. 425 p.
- HOEFFEL, J. L. M.; FADINI, A. A. B.; CASTRO, A. N. M. Percepção ambiental e planejamento participativo: um estudo na Bacia Hidrográfica do Ribeirão do Lopo, Vagem-SP. **Climatologia e Estudos da Paisagem**, Rio Claro, v. 5, n. 1, p. 39-64, 2010.
- LIMA, R. T. **Percepção ambiental e participação pública na gestão dos recursos hídricos: perfil dos moradores da cidade de São Carlos-SP (Bacia Hidrográfica do Rio do Monjolinho)**. 2003. 94 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental). Universidade de São Paulo, São Carlos. 2006.
- LOUREIRO, F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTROS, R. S. C. (Orgs). **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. São Paulo: Cortez, 2006. 183 p.
- LUIZ, C. F.; AMARAL, A. Q.; PAGNO, S. F. Representação social de meio ambiente e educação ambiental no ensino superior. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL “EXPERIÊNCIAS DE AGENDAS 21: OS DESAFIOS DE NOSSO TEMPO.”, 2009, Ponta Grossa. **Resumos...** Ponta Grossa: Seminário Internacional, 2009. Versão eletrônica.
- MACHADO, L. M. C. P. Paisagem valorizada: a Serra do Mar como espaço e como lugar. In: RIO, V. D.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. 1. ed. São Carlos: EDUFSCar, 1996, p. 121-138.
- MALAFAIA, G.; RODRIGUES, A. S. L. Percepção ambiental de jovens e adultos de uma escola municipal de ensino fundamental. **Revista Brasileira Biociências**, Porto Alegre, v. 7, n. 3, p. 266-274, 2009.
- MAYER, M. Educación ambiental: de la acción a la investigación. **Enseñanza de las Ciencias**, Frascati, v. 16, n. 2, p. 217-231, 1998.
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; CRUZNETO, O.; GOMES, R. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. 80 p.
- REBOLLAR, P. M. Educação ambiental e os termos meio ambiente e impacto ambiental na visão de alunos do ensino superior da região da grande Florianópolis – SC. **Biotemas**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 173-180, 2009.
- REDE AMBIENTE. 2000. Disponível em: <<http://www.redeambiente.org.br/>>. Acesso em: 30 dez. 2008.
- REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 2001. 595 p.
- SANTOS, J. E. dos; SATO, M.; PIRES, J. S. R.; MAROTI, P. S. Environmental education praxis toward a natural conservation area. **Revista Brasileira de Biologia**, São Carlos, v. 60, n. 3, p. 361-372, 2000.
- RODRIGUES, A. S. L.; MALAFAIA, G. O meio ambiente na concepção de discentes no município de Ouro Preto, MG. **Revistas de Estudos Ambientais**, Blumenau, v. 11, n. 2, p. 44-58, 2009.
- SAUVÉ, L. Para construir un patrimonio da investigación em educación ambiental. **Tópicos en Educación Ambiental**, Cidade do México, v. 2, n. 5, p. 51-68, 2000.
- SORRENTINO, M. De Tbilisi a Tessaloniki, a educação ambiental no Brasil. In: JACOBI, P.; OLIVEIRA, J. F.; CASCINO, F. (Org.). **Educação, meio ambiente e cidadania: reflexões e experiências**. 1. ed. São Paulo: SMA, 1998. p. 27-32.
- TEIXEIRA, A. C. Educação ambiental: caminho para a sustentabilidade. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, v. 1, n. 2, p. 21-30, 2007.
- UNESCO. **Tendencias de la educación ambiental**. Paris: UNESCO, 1977. 275 p.
- VILLAR, L. M.; ALMEIDA, J. L. V.; ALMEIDA, A. J.; SOUZA, L. F. B.; LIMA, M. C. A.; PAULA, V. S. A percepção ambiental entre os habitantes da região noroeste do Estado do Rio de Janeiro. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p.537-543, 2008.